O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DO PROTAGONISMO INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariana Barbosa de Souza[1]
Nielly Vieira dos Santos[2]
Rosimary Cunha Gomes de Vasconcelos[3]
Soraya Maria Barros de Almeida Brandão[4]

1. INTRODUÇÃO

Educação Infantil no Brasil é um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), que, em seu artigo 29, a define como a primeira etapa da Educação Básica, destinada ao desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social. No contexto atual, a Educação Infantil vem desempenhando um papel cada vez mais significativo para a formação integral das crianças, reconhecendo-as como protagonistas do processo educativo. Nesse sentido, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conhecimentos, e passa a atuar como mediador das experiências no território de aprendizagem.

Dessa forma, no presente estudo, se faz necessário discutir o papel do professor como mediador do protagonismo das crianças na educação infantil, visando garantir que as práticas pedagógicas reconheçam a criança como um sujeito de direitos, capaz de construir conhecimento a partir de suas próprias experiências. Sendo assim, esta abordagem torna-se essencial para compreender como o professor pode contribuir no crescimento da autonomia e na participação proativa das crianças nos ambientes de aprendizagem, fortalecendo ações pedagógicas de acordo com as necessidades e direitos das crianças.

Tendo em vista que ainda é possível encontrar contextos educativos onde prevalecem métodos tradicionais, centrados na figura do professor como detentor do

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, marianabarbosa0123456789@gmail.com;
[2]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, niellyvr7@gmail.com;
[3]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rosimay.vasconcelos00@gmail.com;
[4]Professora orientadora: Doutora Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, soraya.brandao@servidor.uepb.edu.br.

saber, nota-se que muitas práticas ainda não consideram as necessidades, os interesses e os conhecimentos prévios das crianças da Educação Infantil. Essas abordagens tradicionais acabam limitando a construção da autonomia e do protagonismo infantil, indo na contramão dos princípios estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar como o professor atua como mediador no desenvolvimento do protagonismo infantil na Educação Infantil, por meio de práticas que promovem a autonomia, a escuta e a participação ativa das crianças. Para isso, a metodologia adotada apresenta uma abordagem qualitativa de base exploratória, com foco no papel do professor como mediador do protagonismo infantil. A construção do trabalho foi realizada por meio de textos, livros e artigos acadêmicos que discutem o tema, buscando compreender os diálogos necessários para que o professor favoreça a autonomia e a criatividade das crianças a partir de suas experiências nos espaços onde estão inseridas.

METODOLOGIA

A metodologia adotada é uma pesquisa bibliográfica e documental, de base qualitativa, fundamentada nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural de Lev Vygotsky e em estudos sobre autonomia e desenvolvimento infantil que dialogam com autores como Maria Montessori, Jean Piaget e dentre outros, além da análise de documentos oficiais da Educação Infantil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI).

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil deve promover espaços e experiências em que as crianças, que são consideradas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, (DCNEI) como: Sujeitos históricos e de direitos, ativos e produtores de cultura, estejam em contato com o mundo e com as suas possibilidades, visando desenvolver aspectos cognitivos, corporais, emocionais e sócio afetivos. De modo que, a partir das relações e vivências cotidianas construam sentidos sobre as suas realidades, sociedade, e sua identidade pessoal e coletiva.

ISSN: 2358-8829

Uma das principais tarefas das instituições é elaborar um projeto político pedagógico, que é um documento norteador essencial para planejar as ações das instituições e definir metas para alcançar a continuidade da aprendizagem. Nesse processo, é fundamental que o professor atue como um possibilitador dessas ações, mas também que abra espaço para expandir as possibilidades de aprendizagem, sem limitar tudo ao que foi previamente planejado. Pois quando se determina exatamente tudo o que as crianças farão, já se sabe onde essas ações vão chegar, e assim, perde-se a oportunidade de aproveitar sua criatividade. Quando desfrutamos da criatividade das crianças, construímos uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo e sobre os sentidos que elas utilizam. Consequentemente, quando impedimos essa participação e colaboração diminuímos as possibilidades expressivas, construindo um local onde elas não são ouvidas e respeitadas, tornando as atividades uma preparação para o ensino fundamental.

Sendo assim, o professor deve trazer em sua proposta curricular atividades que favoreça o desenvolvimento das crianças, atendendo aos direitos de aprendizagem, postos na Base Nacional Comum Curricular que são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, esses direitos derivam dos eixos das interações e da brincadeira estipulado nas DCNEI, em seu art.9°. Dessa forma, segundo Borba, 2007, p. 41 apud Matos et al. 2021), “A brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É também suporte da sociabilidade”. Sendo assim, quando se trabalha com brincadeiras permite-se que as crianças desfrutem da imaginação, criem espaços de trocas de saberes, valorize a diversidade cultural, e os modos de vida de cada um. O professor da Educação infantil tem o papel de mediar essas experiências entre as crianças, como ressalta o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI):

> Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas. (BRASIL, 1998, p. 30, apud MATOS et al., 2021).

Ademais, está entre as principais tarefas do educador, o respeito aos desejos das crianças, e a sua autonomia em diferentes momentos, principalmente durante a alimentação e higiene pessoal. O educador deve explorar a expressividade das crianças nas suas produções e capacidades de criação e imaginação, possibilitando atividades de narratividade, dramatização, desenhos, e soluções de problemas. Considerando-as como

sujeitos protagonistas de sua aprendizagem de modo a valorizar as suas percepções e formas de expressão a partir das diferentes linguagens, entre elas, a gestual, verbal, plástica, dramática e musical, além disso, para reconhecer as diferentes culturas infantis a interação é peculiar, pois a promoção de momentos coletivos entre as crianças e professores promove o compartilhamento de saberes, o diálogo, e a assistência nas inúmeras situações do cotidiano, essas vivências devem respeitar o conhecimento que as crianças já trazem, respeitando as diversidades sociocultural, étnico-racial, linguística e a situação socioeconômica das criança e comunidade local.

Diante disso, torna-se fundamental refletir sobre como o professor pode assumir o papel de mediador, favorecendo a construção da autonomia e a participação ativa das crianças nos processos de aprendizagem. Entender a criança como um indivíduo ativo, sensível e apto a formar percepções sobre o mundo expande a maneira como o educador estrutura suas práticas de ensino. Conforme ressaltado por Guimarães:

> Fazer educação significa cuidar do outro, considerando-o como sujeito ativo e afetivo, que produz sentidos sobre o mundo com suas ações corporais, sensoriais e mentais, expressando-se de múltiplas formas em permanente confronto e colaboração com o social no qual está mergulhado. […] Educar é escutar o outro-criança, mobilizando ampliações de suas possibilidades de exploração do mundo. Assim, a educação compromete-se com o desenvolvimento da 'cognição corporificada', ou seja, relaciona-se não só com o que acontece na mente, no racional, na lógica, mas envolve especialmente o corpo e a emoção" (GUIMARÃES, s/d).

Nesse sentido, isso nos mostra que o professor da Educação Infantil deve ter um olhar mais sensível e atento, a fim de perceber e valorizar as múltiplas linguagens da criança, levando em conta que são atores participativos de suas vivências, que exploram e criam sentidos sobre o mundo. Em consonância, a importância da escuta e do corpo são elementos fundamentais no processo de aprendizagem, indo além da dimensão cognitiva e racional. Esse ambiente só pode ser promovido quando o professor reconhece a importância do seu trabalho para o desenvolvimento da autonomia das crianças, criando estratégias que estimulem a curiosidade presente na infância. Para isso, é necessário que o profissional compreenda seu papel crítico na educação, afastando-se do ensino tradicional e entendendo que a aprendizagem acontece por meio das trocas de saberes entre quem ensina e quem aprende. Com isso, percebemos que é papel do professor criar espaços educativos que reconheçam cada criança como sujeito ativo, organizando ambientes ricos em experiências que incentivem o diálogo, a criação de cenas e narrativas com materiais, brinquedos, blocos, caixas, fantasias, tecidos,

ISSN: 2358-8829

tintas, e outros elementos que estimulem a imaginação e a expressão , contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo infantil.

Além disso, a organização dos espaços na Educação Infantil deve ser compreendida como elemento essencial do processo pedagógico. A disposição dos móveis, a altura das prateleiras, bem como o fácil acesso aos materiais e brinquedos, precisam ser planejados para que estejam ao alcance das crianças. Quando o ambiente é pensado a partir do olhar infantil, respeitando sua estatura, seus interesses e seu próprio tempo, promove-se a autonomia e o protagonismo. Assim, o professor, como mediador, convida a criança a se relacionar ativamente com o espaço e a construir sentidos a partir das interações vividas. Essa interação com o ambiente é enfatizada por Rossetti-Ferreira (1999 apud Horn, 2007).

> Portanto, não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente. Isso quer dizer que essas vivências, na realidade, estruturam-se em uma rede de relações e expressam-se em papéis que as crianças desempenham em um contexto no qual os móveis, os materiais, os rituais de rotina, a professora e a vida das crianças fora da escola interferem nessas vivências (ROSSETTI-FERREIRA,1999 apud HORN, 2007).

Com isso, compreende-se que o ambiente educativo deve ir além da estética e da funcionalidade, tornando-se um espaço de relações e significados. Como destaca Rossetti-Ferreira (1999 apud Horn, 2007), não basta que o espaço esteja organizado de forma a estimular as competências infantis; é necessário que a criança se envolva com esse ambiente, vivenciando-o de maneira intencional. Para isso, o espaço precisa dialogar com as particularidades de cada criança, considerando seus interesses, necessidades e formas de expressão.

A criança se expressa por meio da fala, dos gestos e das emoções, revelando suas percepções sobre o mundo ao seu redor. Utiliza também a imaginação para criar histórias e mostrar seus dizeres, que muitas vezes se diferenciam dos dizeres dos adultos. Cada criança apresenta necessidades, peculiaridades e desejos próprios, sendo fundamental a construção de um ambiente acolhedor, onde ela se sinta à vontade para se relacionar com os outros. Consequentemente ambientes que se limitam a atividades repetitivas, padronizadas em folhas A4, acabam por restringir o protagonismo infantil, tornando o espaço escolar pouco inspirador e desestimulante. Assim como diz, Brasilino; Ramos (apud, Montessori, 2017, p.9 apud Brasilino; Ramos):

> […] não é ensinar, mas sim observar, conhecer a criança, descobrir seus interesses e permitir a manipulação da realidade a seu redor. Facilitando para a criança aprender sozinha, manipulando materiais preparados para satisfazer

ISSN: 2358-8829

> suas necessidades e possibilidades. A atividade espontânea da criança se desenvolve dentro de um ambiente educacional projetado com exatidão e possuindo o que ela necessita para crescer e viver no mundo. (MONTESSORI,2017,p.9 apud BRASILINO; RAMOS).

Desse modo, em contrapartida o professor, enquanto mediador, pode e deve explorar a criatividade das crianças de diversas maneiras, principalmente preparando um espaço com matérias para que elas manipulem e construam saberes, como por exemplo, por meio da confecção de brinquedos, a exemplos de carrinhos, fantoches, instrumentos musicais que enriquecem momentos de interação, contação de histórias, aulas de música e brincadeiras livres. Essas experiências tornam-se ainda mais significativas quando os brinquedos são produzidos de forma coletiva, com o acompanhamento do professor e o uso de materiais recicláveis, como garrafas PET, tampinhas, latas de leite, canudos, entre outros.

Além de estimular a criatividade, o trabalho colaborativo e o conhecimento cultural, essas atividades despertam nas crianças a consciência ambiental e a importância da reciclagem, promovendo o cuidado com o meio em que vivem, compreendendo a importância de suas ações sobre o mundo. Em síntese, essa perspectiva está em sintonia tanto com os princípios defendidos por Montessori quanto com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a criança como sujeito histórico e de direitos, que, desde muito pequena, pensa, age e constrói significados sobre o que vive, sendo capaz de aprender e se expressar de diversas maneiras (BRASIL, 2017).

Essa expressão acontece principalmente por meio das brincadeiras, pois é brincando que as crianças apresentam sua forma de dizer e ser no mundo. Assim como Silva, Carvalho e Parente (2021, apud Matos, 2021, p. 4) ressaltam que “é nas brincadeiras que as crianças deixam fluir sua imaginação, o que contribui para a socialização e interação, fatores essenciais ao desenvolvimento infantil”.

Além de, o educador propiciar interações que incentivem a brincadeira livre, ele precisa pensar no espaço onde ela vai acontecer, criando um ambiente atraente, onde as crianças se sintam seguras e acolhidas, possam se mover, interagir e usar a criatividade, sem deixar de estar sob a atenção do profissional, evitando conflitos e acidentes. Estes momentos, podem acontecer em uma área livre, no parque, ou espaço descampado da escola, cabendo ao professor tornar cada ambiente da instituição promotor de conhecimento e descobertas infantis.

ISSN: 2358-8829

O professor deve ser observador das linguagens das crianças, observando, nesses momentos de interação, a forma como cada uma se expressa, o que conversam oralmente e o que evidenciam por meio dos gestos e do silêncio. Através da observação, o professor busca conhecê-las, compreender a riqueza de suas potencialidades, bem como os desejos e as dificuldades de cada criança.

Por fim, destaca-se a necessidade de observar as diferentes linguagens infantis para que o professor possa fazer a mediação entre a cultura adulta e a infantil, compreendendo quando sua vontade se sobrepõe à vontade das crianças, o que muitas vezes é expresso por meio de gestos. Desse modo, é importante que os professores privilegiem tempos e espaços para as manifestações da infância, buscando não as tornar submissas às ações do adulto, que por vezes, pode querer conduzir todo processo. Ele deve respeitar as expressões e os desejos das crianças, sem deixar de exercer sua autoridade docente e organizar a rotina, elementos fundamentais para a organização e a compreensão do tempo na Educação Infantil. A observação também permite ao professor conhecer as relações interpessoais estabelecidas pelas crianças e compreender a cultura infantil, considerando suas formas de brincar e seus interesses. A partir desse conhecimento, o professor pode planejar atividades pedagógicas que considerem as necessidades das crianças. Nesse sentido, Brasil (2017, p. 35 apud Matos et al., 2021, p. 7) destaca que:

> Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p. 35 apud Matos et al., 2021, p. 7).

Na construção da autonomia infantil, algumas práticas, como a alimentação, o vestir-se, o transporte de objetos, a escolha de materiais e a comunicação espontânea, devem ser consideradas, pois contribuem para o desenvolvimento da independência e da autoestima das crianças. Isso inclui também a colaboração com o professor em atividades como a organização dos materiais, a distribuição de objetos e a organização do ambiente.

As atividades de higiene pessoal apresentadas, assim como as demais situações vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil, também dependem da mediação, da atenção e da empatia do professor diante das dificuldades e necessidades que cada criança apresenta.

ISSN: 2358-8829

A presença atenta e comprometida do profissional permite que as crianças se sintam seguras e acolhidas, sem se sentirem abandonadas ou incapazes quando ainda não conseguem realizar essas atividades de maneira adequada. O incentivo e a empatia do professor fortalecem o desenvolvimento do autocuidado.

Nesse sentido, a autonomia também é favorecida por meio de atividades motoras, como os movimentos livres e os deslocamentos, que contribuem para o desenvolvimento da musculatura e da motricidade infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, deve reconhecer a criança como sujeito ativo, capaz de construir sentidos a partir das experiências vividas nos contextos educativos. Ao longo deste estudo, foi possível compreender que o professor tem papel essencial como mediador do protagonismo infantil, favorecendo práticas pedagógicas que respeitem a autonomia, a escuta e a participação das crianças.

Através de um olhar sensível e atento às múltiplas formas de expressão infantil, o educador é chamado a organizar espaços e experiências que ampliem as possibilidades de aprendizagem e convivência, respeitando a diversidade sociocultural e as individualidades de cada criança. Isso implica não apenas em planejar atividades, mas em criar ambientes ricos, acolhedores e provocadores de descobertas, onde a criança possa explorar, brincar, se expressar e aprender de maneira significativa.

Ademais, superar práticas tradicionais e centradas apenas na figura do professor requer um compromisso ético e pedagógico com os direitos de aprendizagem das crianças. Nesse sentido, a mediação docente deve promover interações que despertem a curiosidade, valorizem a cultura infantil e incentivem a criação de sentidos próprios sobre o mundo. Contudo, oportunizar à criança o uso da imaginação por meio das histórias e, sobretudo, com a confecção de brinquedos, contribui para que ela tenha uma visão mais ampla do ambiente onde está inserida, conectando fantasia e realidade de forma criativa e significativa. Cabe a ele ter um olhar atento em relação às múltiplas linguagens da criança e criar condições para que elas investiguem, experimentem e compreendam o ambiente em que estão inseridas, por meio de momentos de

brincadeira, pois é no brincar que as crianças ampliam suas formas de se relacionar com o outro e com o mundo.

Portanto, a atuação do professor como mediador não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve escuta, diálogo, criatividade e abertura para o novo. É por meio dessas práticas que se torna possível promover uma Educação Infantil comprometida com o desenvolvimento integral e o protagonismo das crianças, em consonância com os princípios estabelecidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e na Base Nacional Comum Curricular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.** Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRAZILINO, Thaís Mara Adão; RAMOS, Mônica Ribeiro. **O protagonismo da criança na Educação Infantil: um diálogo entre o método Montessori e a BNCC.** Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARANHÃO (Estado). **Escola digna: caderno de orientações pedagógicas** – Educação Infantil. São Luís: Secretaria de Estado da Educação do Maranhão – SEDUC, 2018.

MARTINS FILHO, Altino José; MARTINS FILHO, Lourival José. **Múltiplas linguagens na infância: protagonismo compartilhado entre adultos e crianças nos contextos de educação infantil.** Revista Linhas, Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, v. 23, n. 51, p. 259-280, jan./abr. 2022.

MATOS, Rosa Gabrielle Sousa; RABELO, Jeriane da Silva; PAIVA, Isabel de Carvalho. **Brincadeiras e interações como eixos norteadores na Educação Infantil.** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aléxis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

ISSN: 2358-8829